

**Da história da língua para a história do texto:
Reconstrução da tradição do *Libro dell'Abate Isaac di Siria***

Cynthia Elias de Leles Vilaça
Doutora em Linguística Teórica e Descritiva pela UFMG
cynthiavilaca@gmail.com

Abstract: In questo lavoro, si cerca di dimostrare l'applicabilità degli studi sulla storia di una lingua per la ricostruzione della tradizione di testi antichi e la preparazione di edizioni critiche, prendendo come esempio il caso del *Libro dell'Abate Isaac di Siria*, traduzione italiana di un estratto dell'opera dell'asceta Isacco di Ninive.

Parole chiavi: Cambiamento linguístico. Storia della lingua italiana. Tradizione di testi antichi. Edizioni critiche. Isacco di Ninive.

Abstract: In this paper, we seek to demonstrate the applicability of the studies about the history of a language for the reconstruction of the tradition of ancient texts and preparation of critical editions, taking as example the case of the *Libro dell'Abate Isaac di Siria*, Italian translation of an excerpt of the work of the ascetic Isaac of Nineveh.

Keywords: Language change. History of the Italian language. Tradition of ancient texts. Critical editions. Isaac of Nineveh.

Introdução

Neste artigo, procura-se evidenciar especificamente a importância dos estudos relacionados ao conhecimento da história de uma língua para o processo de reconstrução da tradição de textos antigos e elaboração de edições críticas. Dentre os muitos entraves que normalmente se impõem ao referido processo, está o problema da datação. A maioria dos testemunhos manuscritos não apresenta datação explícita, o que faz com que o crítico textual precise lançar mão de recursos de análise codicológica, paleográfica, textual e linguística para determinar ao menos uma ordem cronológica para a cópia de testemunhos de um mesmo texto. Para ilustrar a discussão que aqui

se fará a esse respeito, toma-se como exemplo o caso do tratado ascético conhecido como *Libro dell'Abate Isaac di Siria*, escrito por Isaac de Nínive no século VII.

Isaac de Nínive: vida, obra e traduções

Nascido no atual Qatar e monge da Igreja Siro-Oriental, Isaac de Nínive é venerado como santo em todo o oriente cristão. Ao preferir a vida eremítica às benesses do episcopado, o monge pôde se dedicar ao aprofundamento das Sagradas Escrituras e à composição de seus textos, escritos originalmente em siríaco, língua semítica do ramo aramaico. Com base em dados constantes dos textos de Isaac, Miller (1984, p. LXIII-LXIV) sugere que Isaac os teria composto por volta do ano 688.

Segundo Hansbury (1989, p. 16), os textos de Isaac tornaram-se populares na Igreja Siro-Oriental logo após a morte de seu autor, o que, de acordo com Brock (1986b, p. 8), aconteceu por volta do ano 700. Todavia, embora destinados a monges, esses textos teriam sido lidos por pessoas que viviam outras formas de vida cristã (cf. CHIALÀ, 2002, p. 43), hipótese que se sustenta pela sua ampla difusão no Oriente e também no Ocidente. Por esse motivo, dentre tantos textos que circularam na Idade Média, os de Isaac de Nínive são especialmente relevantes pelo grande número de traduções que deles foram feitas para muitas línguas pertencentes a diversas famílias durante esse período, bem como nos séculos subsequentes.

Não há consenso acerca de quantas e quais seriam as obras de Isaac. Ainda assim, baseando-se em estudos mais recentes, Chialà (2002, p. 66) considera que, em siríaco, são conhecidos: três compilações de capítulos, dois fragmentos de uma quinta compilação, algumas orações e outros escritos de autoria duvidosa. De acordo com Cambraia (2009a, p. 17), conjuntamente, a

obra de Isaac compreende pelo menos 137 capítulos distintos. Das obras atribuídas a Isaac de Nínive, a chamada *Primeira Parte*, composta por 82 capítulos e considerada como seguramente genuína (cf. BROCK, 1987, p. 43; 1999-2000, p. 476), foi a mais difundida pelo mundo.

O processo de transmissão dos textos de Isaac de Nínive foi extremamente complexo. De acordo com Miller (1984, p. LXXVII), a partir do siríaco, esses textos teriam sido transmitidos por meio de duas famílias: a Oriental e a Ocidental. Entre o fim do século VIII e o início do século IX, 68 dos 82 capítulos da *Primeira Parte* teriam sido traduzidos de algum manuscrito do ramo siríaco ocidental para o grego por dois monges – Patrikios e Abramios – do mosteiro de Mar Sabbas, na Palestina (MILLER, 1984, p. LXXXV-XCIV). Segundo Brock (1986a, p. 33), na tradição grega, aos 68 capítulos dos escritos de Isaac, foram agregados quatro capítulos de João de Dalyata (outro escritor monástico siro-oriental) e uma carta do teólogo siro-ortodoxo Filoxeno de Mabbug (ca. 450-523). Em fins do século XIII, 26 dos 68 capítulos de Isaac e dois de Dalyata teriam sido traduzidos do grego para o latim. Do latim, esse excerto da obra de Isaac foi abundantemente traduzido para as línguas românicas no decorrer da Idade Média¹. É precisamente esse excerto que, na tradição italiana, encontra-se comumente identificado como *Libro dell'Abate Isaac di Siria*.

Tradição italiana da obra de Isaac de Nínive

De acordo com o Monsenhor Borghini (citado por BUONAVENTURI, 1720, p. VI), a tradução da obra de Isaac de Nínive do

¹ A tradição românica dos textos de Isaac vem sendo investigada desde 2000 no projeto *Tradição Latino-Românica do Livro de Isaac* (CAMBRAIA, 2000, 2002, 2003, 2007, 2008; CAMBRAIA & CUNHA, 2008; CAMBRAIA & LARANJEIRA, 2010; CAMBRAIA, MELO & VILAÇA, 2008/2009; MELO, 2010; VILAÇA, 2004, 2008, 2012), coordenado por César Nardelli Cambraia e em realização no âmbito do Núcleo de Estudos de Crítica Textual da Faculdade de Letras da UFMG.

latim para o italiano teria sido realizada na época de Dante (1265-1321) ou em torno dessa época. A tradição italiana dessa obra é a mais numerosa do mundo românico. Conforme reportou Vilaça (2012, p. XXXVII, LXVII e LXX), essa tradição encontra-se distribuída 30 testemunhos: 23 manuscritos e 7 impressos.

Dos 23 manuscritos, seis são datáveis do século XIV e atualmente estão distribuídos nas seguintes bibliotecas: *Biblioteca Riccardiana di Firenze* (Florença): códices **Ricc. 1384**, ff. 1r-21v; **Ricc. 1489**, ff. 10r-155v; **Ricc. 1713**, ff. 1r-123r / *Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze* (Florença): código **Palat. 47**, ff. 1r-38r / *Biblioteca Nazionale Marciana* (Veneza): código **It., I.39** (Collocazione: 5233), ff. 7v-151r / *Biblioteca del Museo Correr* (Veneza): código **Cicogna 152**, ff. 1r-152v. Outros 16 manuscritos são datáveis ou datados do século XV e encontram-se nas bibliotecas a seguir: *Biblioteca Riccardiana di Firenze*: códices **Ricc. 1345**, ff. 1r-58r (ano 1406); **Ricc. 2623**, ff. 7v-201v (ano 1445); **Ricc. 1352**, ff. 3ra-46va; **Ricc. 1495**, ff. 1r-128v; **Ricc. 1488**, ff. 9v-14r [excerto]; **Ricc. 1460**, ff. 39v-50v [paráfrase de excerto] / *Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze*: códices **Palat. 99**, ff. 18r-19r, 9v-10r, 65v-67v [excerto]; **Fondo Nazionale II, IX 135**, ff. 12r-97v / *Biblioteca Medicea Laurenziana* (Florença): código **Plut. 27.15**, ff. 29v-79v / *Biblioteca Nazionale Marciana*: códices **It., I.43** (Collocazione: 5234), ff. 1r-226v; **It., I.63** (Collocazione: 4898), ff. 1ra-31va / *Biblioteca Bertoliana* (Vicenza): código **215**, ff. 1r-97v / *Biblioteca Civica di Padova* (Pádua): código **A9**, ff. 68r-74v [excerto] / *Bodleian Library* (Oxford): códices **Canon. 271**, ff. 136-167 (ano 1464); **Canon. 163**, ff. 1-136 / *University Pennsylvania Library* (Filadélfia): código **36** (ano 1450). O único manuscrito datável do século XVI está na *University Pennsylvania Library*, código **241**, ff. 57-99.

Os sete testemunhos impressos do *Libro dell'Abate Isaac di Siria* foram

publicados em: Veneza, 1500; Florença, 1720; Milão, 1839; Roma, 1845; Milão/Nápoles, 1954 (apenas dois capítulos); Torino, 1957; e Roma, 1984 (excerto). Há referência bibliográfica completa dessas edições na seção “Referências” do presente trabalho.

Dentre os 30 testemunhos supérstites, dois seriam elegíveis como texto-base para a realização da edição crítica do chamado *Libro dell'Abate Isaac di Siria*. Trata-se dos manuscritos *Ricc. 1384* e *Ricc. 1489* da Biblioteca Riccardiana di Firenze (Florença), ambos datáveis do século XIV. Considerando os estudos da tradição italiana realizados por Vilaça (2012), o testemunho mais antigo deveria ser eleito como texto-base.

Segundo Buonaventuri (1720, p. VI), o testemunho *Ricc. 1489* seria mais antigo do que o *Ricc. 1384* e outros cinco que ele teria consultado (*Palat. 47* da Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze; *Ricc. 1345*, *Ricc. 2623* e *Ricc. 1352* da Riccardiana di Firenze; *Plut. 27.15* da Biblioteca Medicea Laurenziana)². Entretanto, os dois testemunhos elegíveis não apresentam datação explícita e, ademais, suas características codicológicas e paleográficas não colaboram para se determinar qual deles seria o mais antigo. Diante desse impasse, fez-se necessário recorrer a análises de fenômenos linguísticos, as quais serão detidamente referidas na próxima seção.

Estudo de fenômenos linguísticos para datação de testemunhos

Com o objetivo de se definir qual dos dois testemunhos – *Ricc. 1384* ou *Ricc. 1489* – teria uma linguagem mais antiga, selecionaram-se quatro fenômenos de variação linguística (dois fonológicos e dois morfológicos) que

² BUONAVENTURI (1720, p. VI-XII) identifica esses testemunhos pelos seus possuidores: *Ricc. 1384* = 3º manuscrito Riccardi, *Ricc. 1489* = manuscrito Bargiacchi, *Palat. 47* = manuscrito Guadagni, *Ricc. 1345* = manuscrito Salvini, *Ricc. 2623* = 2º manuscrito Riccardi, *Ricc. 1352* = 1º manuscrito Riccardi, *Plut. 27.15* = manuscrito Plut. 27.15 da Medicea Laurenziana.

geraram mudanças no italiano para análises quantitativas. Os resultados dessas análises são apresentados a seguir.

a) Fenômeno fonológico 1: Emprego das formas plenas dos sufixos *-tade(i)/-tude(i)* (mais antigas) em relação às formas apocopadas correspondentes *-tà/-tù* (mais recentes)

As formas antecessoras dos sufixos *-tade(i)/-tude(i)* seriam as latinas *-tate(m)* ou *-tute(m)*³, nas quais a consoante oclusiva dental surda intervocálica *-t-* se teria sonorizado, produzindo a sílaba final *-de*, posteriormente suprimida. Esta terá sido a evolução fônica de palavras como *tranquillitāte(m) > tranquillitade > tranquillità* e *virtūte(m) > virtude > virtù*. Segundo D'Achille (2004, p. 72), a passagem de *-tade(i)/-tude(i)* a *-tà/-tù* constitui o caso de apócope mais importante na história do italiano; no entanto, não foi encontrada nenhuma menção relativa à datação desse processo evolutivo na literatura.

Considerando a frequência com que palavras terminadas em *-tade(i)/-tude(i)* eram seguidas por um elemento funcional, tal qual a preposição *de*, variante antiga de *di* – por exemplo, *tranquillitade delle tue parole, virtude de Cristo* –, linguistas como Grandgent (1933, p. 47), Patota (2002, p. 102) e D'Achille (2004, p. 72) explicam a apócope da sílaba final dos sufixos *-tade(i)/-tude(i)* como um caso de haplogogia (supressão de uma de duas sílabas iguais ou similares, contíguas): no intuito de evitar a repetição das sílabas consecutivas *-de(i)* (sílaba final dos sufixos *-tade(i)* ou *-tude(i)*) e *de(i)* (preposição), se teria criado o hábito de suprimir a primeira delas, o que teria gerado a categoria de substantivos invariáveis no plural terminados em *-tà* e *-tù*.

³ Segundo Rohlfs (1966, p. 427), o *-m* final latino já estaria apagado no século III a.C.

Na tabela a seguir, mostra-se a distribuição das formas plenas *-tade(i)/-tude(i)* e suas correspondentes apocopadas *-tà/-tù* nos testemunhos *Ricc. 1384* e *Ricc. 1489*.

TABELA 1
 Sufixos *-tade/-tude* x *-tà/-tù*

TESTEMUNHOS	VARIANTES			
	<i>-tade</i> x <i>-tà</i>		<i>-tude</i> x <i>-tù</i>	
	<i>-tade(i)</i>	<i>-tà</i>	<i>-tude(i)</i>	<i>-tù</i>
<i>Ricc. 1384</i>	92,8% (470) ⁴	7,2% (36)	96,8% (123)	3,2% (4)
<i>Ricc. 1489</i>	63,3% (239)	36,7% (191)	67,9% (89)	32,1% (42)

Os dados apresentados na TABELA 1 demonstram a preferência pelas formas plenas *-tade/-tude* em ambos os testemunhos. No testemunho *Ricc. 1384*, entretanto, a porcentagem de uso das formas apocopadas *-tà/-tù* é muito mais baixa (7,2% e 3,2%, respectivamente) do que no *Ricc. 1489* (36,7% e 32,1%, respectivamente). A partir deste resultado, conclui-se que, em relação a este fenômeno, o testemunho *Ricc. 1384* é linguisticamente mais antigo do que o *Ricc. 1489*.

b) Fenômeno fonológico 2: Emprego da forma *puote* (mais antiga) em relação à sua correspondente apocopada *può* (mais recente)

⁴ Em todos os fenômenos analisados, o valor em porcentagem é seguido pelo número de ocorrências da variante entre parênteses.

Ao analisar fenômenos fônicos em uma novela do *Decameron* de Giovanni Boccaccio, Patota (2002, p. 71) afirma que *puote* (presente na referida novela) é a forma mais antiga da terceira pessoa singular do presente do indicativo do verbo *potere*. Segundo Patota, a base latina **pōtet*, cujo *-t* final teria caído desde o período do latim vulgar (ROHLFS, 1966, p. 434), teria dado origem à forma *puote*, com ditongação do *ō* em sílaba aberta, fenômeno característico dos dialetos toscanos e, portanto, do italiano. Em seguida, a apócope da sílaba final *-te* teria gerado a forma moderna *può*. Contudo, também a respeito deste fenômeno, não foram encontradas propostas de datação na literatura.

De acordo com Rohlfs (1966, p. 450), certas formas verbais de uso frequente, como *puote*, sofreram apócope graças ao enfraquecimento da acentuação dada a sua posição proclítica. Essa provável causa para a passagem de *puote* a *può* já havia sido apresentada por Grandgent (1933, p. 46), que assim a elucidou:

Quando a sílaba não era realmente final, mas constituía um elemento dentro de um grupo fonético, sua vogal era, portanto, tratada não como final, mas medial. Em *puote fare*, por exemplo, o primeiro *e* é de fato intertônico, e cai [...]; então o *t* é assimilado ao *f*: *púote fáre* > *puot' fare* > *puo ffare*, daí *può* (GRANDGENT, 1933, p. 46, tradução nossa).⁵

A distribuição de *puote* e *può* nos testemunhos *Ricc. 1384* e *Ricc. 1489* é indicada na tabela a seguir.

TABELA 2
Formas de 3ª pessoa do singular do presente do indicativo de *potere*: *puote* x *può*




TESTEMUNHOS	VARIANTES
-------------	-----------

⁵ No original: “When the syllable was not really final, but formed an element within a phonetic group, its vowel was accordingly treated not as final but medial. In *puote fare*, for instance, the first *e* is really intertonic, and falls [...]; then the *t* is assimilated to the *f*: *púote fáre* > *puot' fare* > *puo ffare*, hence *può*.”

	<i>puote</i>	<i>può</i>
<i>Ricc. 1384</i>	71,4% (60)	28,6% (24)
<i>Ricc. 1489</i>	32,1% (27)	67,9% (57)

Os dados desta última tabela evidenciam a preferência pela forma plena no testemunho *Ricc. 1384* (71,4%) e a preferência pela forma apocopada no testemunho *Ricc. 1489* (67,9%). Essa informação indica que o testemunho *Ricc. 1384* é linguisticamente mais antigo do que o *Ricc. 1489* também com relação a este fenômeno.

c) Fenômeno morfológico 1: Emprego das desinências *-amo/-emo/-imo* (mais antigas) em relação à *-iamo* (mais recente) para primeira pessoa plural do presente do indicativo

A evolução regular das desinências latinas referentes à primeira pessoa plural do presente indicativo *-amu* , *-emu*  e *-imu*  deu origem à *-amo*, *-emo* e *-imo* no italiano. Entretanto, curiosamente, essas três desinências passaram a ser substituídas por uma desinência única, *-iamo*, no decurso do século XIII (tem-se, por exemplo: *contemplamo* > *contempliamo*; *potemo* > *possiamo*; *venimo* > *veniamo*).

Em sua *Breve storia della lingua italiana*, precisamente no capítulo sobre o “Trecento” (século XIV), Migliorini & Baldelli (1989, p. 108-109) comentam que naquele século a desinência *-iamo* já havia se estendido a todas as conjugações, embora *-amo/-emo/-imo* persistissem ainda em Pisa, Lucca e Arezzo. Segundo Maiden (1998, p. 138), a expansão de *-iamo* como desinência única de primeira pessoa plural do presente do indicativo é uma peculiaridade do toscano fixada de forma permanente no florentino em torno do século XV. Patota (2002, p. 143) e D’Achille (2004, p. 92-93), entretanto, afirmam

que apenas em florentino, a partir da segunda metade do século XIII, as desinências *-amo*, *-emo* e *-imo* foram suplantadas por *-iamo*; nos demais dialetos italianos, *-amo*, *-emo* e *-imo* essas ainda são usadas. Por isso, segundo esses dois últimos autores, a desinência *-iamo* constitui um dos traços que melhor denotam a “florentinidade” do italiano.

Grandgent (1933, p. 159) postula que a expansão de *-iamo* teria se iniciado com formas como *habeāmus* > *abbiamo*, *sapiāmus* > *sappiamo*, **siāmus* > *siamo*, *faciāmus* > *facciamo*; a partir dessas formas, em períodos pré-literários, a desinência *-iamo* teria se estendido para o presente do subjuntivo de todos os verbos e para formar o imperativo referente à primeira pessoa plural. De acordo com esse autor, a fase mais estranha, entretanto, seria a da introdução dessa desinência no presente do indicativo. Grandgent presume que o ponto de partida da introdução de *-iamo* no modo indicativo tenha sido o imperativo: considerando a coincidência entre as formas de segunda pessoa entre os dois modos (indicativo e imperativo) em quase todos os verbos, para o autor, seria natural que tal identidade de formas se estendesse à primeira pessoa do plural em ambos os modos. Entretanto, o próprio Grandgent ressalta que essa hipótese não esclarece o motivo pelo qual a forma do imperativo, e não a do indicativo, teria sido escolhida.

Segundo o autor, havia algo atraente na própria desinência *-iamo*, que proporcionou um método para a expressão da ideia de primeira pessoa plural em todas as conjugações de uma mesma maneira. Grandgent (1933, p. 159-160) postula ainda uma relação dessa desinência com a forma *giamo* < lat. *eāmus*: *giamo* (verbo *gire* < lat. *īre*) teria passado a significar não apenas “vamos!” (imperativo) como também “nós vamos” (indicativo), na medida em que *ite* (2ª pes. pl.) apresenta significado válido para os dois modos; assim, *-iamo* poderia ter se estendido, por um lado, a outros verbos em *-ire* e, por outro

lado, para o novo sinônimo *andare* e deste para todos os verbos da primeira conjugação. Ao tratar da generalização do uso de *-iamo* em cada uma das quatro conjugações, Grandgent (1933, p. 1660) afirma:

Na verdade, a primeira e a quarta conjugações abandonam os seus *-amo* e *-imo* mais facilmente do que a segunda e terceira desistem de seu *-emo*: formas tais como *amamo* ocorrem esporadicamente no século XIII e no início do século XIV [...] e mais tarde aparecem frequentemente em Boiardo; formas tais como *udimo* são encontrados em Guittone [...] e em Ristoro d'Arezzo; enquanto *vedemo*, *credemo* e similares são muito comuns em todo o século XIV (GRANDGENT, 1933, p. 160, tradução nossa).⁶

Ao contrário de Grandgent, Maiden (1998, p. 138) assegura que, embora os motivos da difusão da desinência *-iamo* sejam obscuros, a sua origem encontra-se claramente nos subjuntivos latinos da segunda e da quarta conjugações: *-eamus* e *-iamus*, respectivamente. Segundo D'Achille (2004, p. 93), a desinência derivada dos subjuntivos latinos da segunda e da quarta conjugações teria se estendido à primeira (*-emus*) e, em seguida, passado ao indicativo. De acordo com Maiden, “[a] generalização de *-iamo* se insere em uma tendência amplamente observável em ítalo-romance de neutralizar as distinções de conjugação na 1ª pessoa plural do presente” (MAIDEN, 1998, p. 138, tradução nossa).⁷ O autor legitima essa afirmação, citando os seguintes exemplos: a substituição da vogal temática *a* por *e* na primeira pessoa plural em alguns dialetos setentrionais; a extensão do uso de *-emo* a todas as conjugações em parte do Lazio; a generalização da terminação *-uma* para a primeira pessoa plural (por exemplo: *venduma*, *parluma*) no Piemonte e em parte da Liguria e da Lombardia. Maiden postula que a difusão de *-emo* se

⁶ “In point of fact, the first and fourth conjugations yield their *-amo* and *-imo* more easily than the second and third give up their *-emo*: such forms as *amamo* occur sporadically in the thirteenth and early fourteenth centuries [...] and later turn up frequently in Boiardo; such forms as *udimo* are found in Guittone [...] and in Ristoro d'Arezzo; while *vedemo*, *credemo*, and the like are very common all through the fourteenth century.”

⁷ “La generalizzazione di *-iamo* rientra in una tendenza ampiamente osservabile in itoloromanzo a neutralizzare le distinzioni di coniugazione nella I presona plurale del presente.”

fundamentaria na alta frequência de formas como *volemo*, *avemo* e sobretudo *semo* (verbo *essere*); já a desinência *-uma* teria como base o resultado da forma latina *sumus* (em piemontês: *suma*).

Na tabela a seguir, apresenta-se a distribuição das desinências *-amo*, *-emo*, *-imo* em oposição à desinência *-iamo* nos testemunhos *Ricc. 1384* e *Ricc. 1489*⁸.

TABELA 3
Desinências de 1ª pessoa do plural do presente do indicativo

TESTEMUNHOS	DESINÊNCIAS							
	1ª conjugação <i>-are</i>		2ª conjugação ⁹ <i>-ere</i>		3ª conjugação <i>-ire</i>		Total	
	<i>-amo</i>	<i>-iamo</i>	<i>-emo</i>	<i>-iamo</i>	<i>-imo</i>	<i>-iamo</i>	<i>-amo/ -emo/- imo</i>	<i>-iamo</i>
<i>Ricc. 1384</i>	0,0 % (0)	100% (18)	90,0% (54)	10,0% (6)	50,0% (2)	50,0% (2)	68,3% (56)	31,7% (26)
<i>Ricc. 1489</i>	4,5% (1)	95,5% (21)	62,9% (44)	37,1% (26)	40,0% (2)	60,0% (3)	48,5% (47)	51,5% (50)

Analisando os dados constantes da TABELA 3, no que diz respeito às formas verbais pertencentes à primeira conjugação, é possível dizer que há

⁸ As ocorrências de *dispognamo* (do verbo *disporre* ou *disponere*) e *pervegnamo* (do verbo *pervenire*) nesses testemunho foram listadas junto às ocorrências de *-iamo*, uma vez que a palatalização do [n] faz supor a presença do *-i-* que compõe essa desinência.

⁹ As formas verbais pertencentes ao paradigma dos verbos *essere*, *avere* e *fare* foram incluídas na 2ª conjugação.

quase paridade entre os dois testemunhos quanto ao uso da desinência *-amo* em relação a *-iamo*: no *Ricc. 1384*, não há nenhuma ocorrência da forma mais antiga, que no *Ricc. 1489* aparece apenas uma vez (*contemplamo* – fólio 133 verso, linha 11). O mesmo não se verifica para as formas verbais da segunda conjugação: em ambos os testemunhos, a forma mais antiga (*-emo*) é mais frequente do que a forma mais recente (*-iamo*), entretanto, o *Ricc. 1384* apresenta aproximadamente 27% a mais de uso da forma mais antiga (*-emo*) em relação ao *Ricc. 1489*. Com relação às formas verbais de terceira conjugação, a distribuição das formas *-imo* e *-iamo* nos dois testemunhos é muito semelhante (há apenas uma ocorrência a mais de forma verbal com a variante *-iamo* no *Ricc. 1489*). De forma geral, pode-se dizer que as variantes mais antigas são mais frequentes no *Ricc. 1384* (68,3%) do que no *Ricc. 1489* (48,5%). Logo, também em relação a esse fenômeno, o testemunho *Ricc. 1384* mostrou-se linguisticamente mais antigo do que o *Ricc. 1489*.

d) Fenômeno morfológico 2: Emprego das terminações *-ro*, *-rono* e *-no* para a terceira pessoa plural do *passato remoto* (correspondente ao perfeito latino)

A evolução esperada da terminação latina *-runt*, característica da terceira pessoa plural do *passato remoto*, no italiano é *-ro*. Entretanto, no curso dos séculos XIII e XIV, os dialetos da Toscana apresentavam acentuada variância acerca da terminação referente à latina *-runt*, cuja informação gramatical podia ser representada por *-ro* ou pelos seus alomorfes *-rono* e *-no*.

Considerando uma categorização dos perfeitos em arrizotônicos (fracos) e rizotônicos (fortes), Grandgent (1933, p. 163-164) pressupõe que a possibilidade de queda do *-o* final de formas rizotônicas no *passado remoto* (*fecero* > *fecer*) teria sido motivada por analogia com as formas arrizotônicas (*amaron*, *crederon*, *sentiron*); inversamente, as formas arrizotônicas poderiam ter imitado as rizotônicas quer pela supressão do *n*, quer pela adição do *o*: *amaron* > *amaro*

ou *amarono*. Também por analogia a formas como *fecer*, *amaro* teria sido alterado para *amar*, *sentiro* para *sentir*, etc¹⁰.

Diferentemente de Grandgent, Maiden (1998, p. 142) explica a origem da variância relativa à terminação de terceira pessoa plural do *passato remoto*, argumentando que a variante *-ro* teria representado um obstáculo à difusão de *-no*, terminação característica da maior parte das formas verbais de terceira pessoa plural. O resultado dessa “irregularidade” teria sido o acréscimo, em italiano moderno, de *-no* à direita de *-ro* nas formas verbais de *passato remoto* que eram originariamente paroxítonas ou arrizotônicas (*amaro* > *amarono*, *periro* > *perirono*); ao passo que as proparoxítonas ou rizotônicas teriam mantido a terminação *-ro* (*vennero*, *posero*, *fecero*, *dissero*) ou a substituído por *-no* (*feciono*, *cadettono*, *viddono*, *diedono*).

Nos testemunhos *Ricc. 1384* e *Ricc. 1489*, a distribuição de *-ro* x *-rono* e *-no* é a que se apresenta na tabela a seguir.

TABELA 4
Terminações de 3ª pessoa do plural do *passato remoto*

TESTEM UNHOS	TERMINAÇÕES												
	1ª conjugação			2ª conjugação ¹¹			3ª conjugação			Verbo <i>essere</i>		Total	
	<i>-are</i>			<i>-ere</i>			<i>-ire</i>						
	<i>-aro</i>	<i>-arono</i>	<i>-no</i>	<i>-erro</i>	<i>-erono</i>	<i>-no</i>	<i>-iro</i>	<i>-irono</i>	<i>-no</i>	<i>-ro</i>	<i>-rono</i>	<i>-ro</i>	<i>-rono/ -no</i>

¹⁰ Grandgent (1933, p. 164) ressalta que essas formas reduzidas (*amar*, *sentir*, etc.) são comuns em poesia.

¹¹ As formas verbais pertencentes ao paradigma dos verbos *avere*, *fare* e *dare* (por derivarem de perfeitos rizotônicos latinos) foram incluídas na 2ª conjugação.

<i>Ricc.</i> 1384	20, 0% (3)	80,0 % (12)	0,0 % (0)	95, 8% (23)	0,0% (0)	4,2 % (1)	0,0 % (0)	100,0 % (2)	0,0 % (0)	0,0 % (0)	100,0 % (9)	52,0 % (26)	48,0 % (24)
<i>Ricc.</i> 1489	30, 0% (3)	70,0 % (7)	0,0 % (0)	64, 0% (16)	0,0% (0)	36, 0% (9)	0,0 % (0)	100,0 % (2)	0,0 % (0)	22, 2% (2)	77,8 % (7)	47,7 % (21)	52,3 % (23)

Os dados compilados na TABELA 4 revelam que, com relação à 1ª conjugação, embora haja predomínio da forma mais recente (*-rono*) em ambos os testemunhos, a sua frequência no *Ricc. 1489* é 10% menor do que no *Ricc. 1384*, o que denotaria maior antiguidade do primeiro em relação ao segundo.

Também com relação ao verbo *essere*, o *Ricc. 1489* se mostra mais antigo do que *Ricc. 1384* por apresentar ocorrências de forma com *-ro* (*fuoro*), ausentes em *Ricc. 1384*. Em contrapartida, na 2ª conjugação, apesar de haver predomínio da forma mais antiga (*-ero*) em ambos os testemunhos, a sua frequência no *Ricc. 1384* é cerca de 32% maior do que no *Ricc. 1489*¹². Sendo assim, é possível afirmar que, de forma geral, as variantes mais antigas (em *-ro*) são mais frequentes no *Ricc. 1384* (52,0%) do que no *Ricc. 1489* (47,7%). Portanto, também em relação a este fenômeno, o testemunho *Ricc. 1384* mostrou-se linguisticamente mais antigo do que o *Ricc. 1489*.

Retomando, enfim, a questão da escolha do texto-base para a edição crítica do *Libro dell'Abate Isaac di Siria*, admite-se que os dados expostos nesta seção justificam a eleição do testemunho *Ricc. 1384*, cuja linguagem mostrou-

¹² A única ocorrência do alomorfe *-no* no testemunho *Ricc. 1384* é na forma *ebbono*, que no *Ricc. 1489* aparece como *ebbero*. D'ACHILLE (2004, p. 97) explica que, embora a forma de 3ª pessoa plural dos perfeitos rizotônicos seja *-ero*, durante o século XIV, a terminação *-no* a substituiu ou a ela se juntou; no entanto, tal mudança não foi implementada (isto é, os perfeitos rizotônicos continuam com a terminação *-ero*). Nesse caso, é difícil saber qual das duas variantes – *ebbero* ou *ebbono* – seria de fato a mais antiga.

se mais antiga do que a do *Ricc. 1489* em relação aos quatro fenômenos linguísticos abordados. Esse resultado contraria o parecer de Buonaventuri (1720, p. vi), para quem o testemunho *Ricc. 1489* seria o mais antigo, um dos motivos pelos quais o editor o teria escolhido como exemplar de colação do testemunho impresso em 1720 em Florença.

Considerações finais

Neste breve artigo, buscou-se demonstrar uma das aplicabilidades práticas de estudos relativos à mudança linguística. Pelos dados aqui discutidos, pôde-se comprovar como a análise quantitativa de quatro fenômenos de variação linguística que geraram mudanças no italiano contribuiu decisivamente para a escolha do texto-base utilizado no estabelecimento da edição crítica *Libro dell'Abate Isaac di Siria*. Ressalta-se, no entanto, que, para a reconstrução da tradição de um texto, é importante considerar os vários instrumentos de datação (elementos codicológicos, paleográficos, linguísticos, textuais) em conjunto e não de forma isolada. No caso aqui discutido, tomando-se os elementos linguísticos isoladamente, o fato de o testemunho *Ricc. 1384* apresentar linguagem mais antiga do que a do *Ricc. 1489* poderia indicar apenas que o copista de *Ricc. 1384* teria tido como modelo um testemunho mais antigo do que o que serviu de modelo para o *Ricc. 1489* e, todavia, ter sido copiado posteriormente a este. Entretanto, esta hipótese se torna inválida quando aos elementos linguísticos associa-se o estudo de variantes textuais (cf. VILAÇA, 2012, p. LXXXV-CXXXII).

Referências:

1. Edições impressas do *Libro dell'Abate Isaac di Siria*

BONETUM LOCATELLUM PRESBYTERUM (Ed.). **Il libro de l'abate Isaac de Syria de la perfectione de la vita contemplativa.** Venezia, 1500.

BUONAVENTURI, T. (Ed.). **Collazione dell'Abate Isaac, e Lettere del Beato Don Giovanni dalle Celle, Monaco Vallombrosano, e d'Altri.** Firenze: Gaetano Tartini e Santi Franchi, 1720.

DE LUCA, Don Giuseppe (Ed.). Prosatori minori del Trecento – Tomo I: **Scrittori di religione.** Milano, Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1954. (*La letteratura italiana - storia e testi*, Volume 12 – Tomo I) - pp. 587-591.

GALLO, M. & BETTIOLO, P. (Tr.). ISACCO DI NINIVE. *L'ebbrezza della fede.* Discorsi ascetici, v. 1. Roma: Città Nuova, 1984.

GUALA-CAMPELLO, G. (Ed.). **Isaac Siro, Eremita di Monteluco.** Torino: Marietti, 1957.

SILVESTRINI, G. (Ed.). **Del Dispregio del Mondo:** Collazione dell'Abate Isaac e Lettere del Beato Gio. dalle Celle e di altri. Milano, 1839. (Biblioteca Scelta di Opere Italiane Antiche e Moderne).

SORIO, B. (Ed.). **Collazione dell'Abate Isaac Recata alla Sua Vera Lezione con l'Aiuto e l'Autorità del Testo Latino Stampato a Venezia nel MDVI, col manuscritto Zanotti del MCCCCLIV e la Stampa di Venezia del MD e in Questa Biblioteca Messa a Stampa per Cura del P. Bartolomeo Sorio.** Roma: Tipografia dei classici sacri, 1845. (Biblioteca Classica Sacra o sia Raccolta di Opere Religiose di Celebri Autori Edite ed

Da história da língua para a história do texto:
Reconstrução da tradição do *Libro dell'Abate Isaac di Siria*
Cynthia Elias de Leles Vilaça

Inedite dal Secolo 14. al 19). [Esta edição também foi publicada em volume único: *Biblioteca Classica Sacra*, século XIV, tomo III].

Demais referências mencionadas:

BROCK, Sebastian. **Isaac of Nineveh**: some newly-discovered words. *Sobornost/Eastern Churchs Review*, London, v. 8, n. 1, p. 28-33, 1986a.

BROCK, Sebastian. St. Isaac of Niniveh. **The Assyrian**, London, v. 3, n. 6, p. 8-9, 1986b.

BROCK, S. (Tr.). **The syriac fathers on prayer and the spiritual life**. Kalamazoo, Michigan: Cistercian Publications Inc., 1987. 381p.

BROCK, S. (Ed.) **From Qatar to Tokyo, by way of Mar Saba**: the translations of Isaac of Beth Qatraye (Isaac the Syrian). *Aram*, 1999-2000, v. 11-12, p. 475-484.

CAMBRAIA, C. N. **Livro de Isaac**: edição e glossário (cód. ALC. 461). 2000. 753 p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CAMBRAIA, C. N. A difusão da obra de Isaac de Nínive em línguas ibero-românicas: breve notícia das tradições portuguesa, espanhola e catalã. In: RAVETTI, G. & ARBEX, M. (Org.). **Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

CAMBRAIA, C. N. Reconstruindo a tradição medieval portuguesa do *Livro de Isaac*: estudo linguístico comparativo das versões existentes. In: **CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA ROMÁNICA**, 23, Salamanca, 24-30 setembro 2001. *Actas...* Tübingen: Max Niemeyer, 2003, v. IV, p. 53-67.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMBRAIA, C. N. **Tradição em língua portuguesa** do Livro de Isaac. *Caligrama*, Belo Horizonte, n. 12, p. 171-203, 2007.

CAMBRAIA, C. N. **Elementos para a reconstrução da tradição latina do Livro de Isaac**. México, 2008. (Comunicação apresentada no *II Congreso Internacional de Estudios Clásicos en México*, na Universidade Nacional Autónoma de México, na cidade do México, no período de 8 a 12 de setembro de 2008).

CAMBRAIA, C. N. & CUNHA, E. L. P. T. **Tradição em língua catalã do Livro de Isaac**. *Scripta Philologica*. Feira de Santana, n. 4, p. 119-167, 2008.

CAMBRAIA, C. N. **Tradição latino-românica do Livro de Isaac**: edição crítica da tradução medieval portuguesa. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual da Faculdade de Letras da UFMG, 2009a. (Relatório final de pesquisa apresentado à Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

CAMBRAIA, C. N. & LARANJEIRA, M. B. **Tipologia dos erros na tradição latina do ‘*Livro de Isaac*’**, Caligrama, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 7-48, 2010.

CAMBRAIA, C. N.; MELO, T. C. A de & VILAÇA, C. E. de L. **Tradição latino-românica do *Livro de Isaac*: análise de alguns lugares-críticos**. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 10, p. 409-425, 2008/2009.

CHIALÀ, Sabino. **Dall'ascesi eremitica alla misericordia infinita: Ricerche su Isacco di Ninive e la sua fortuna**. Firenze: Leo S. Olschki, 2002.

D'ACHILLE, Paolo. **Breve grammatica storica dell'italiano**. 2. ed. Roma: Carocci editore, 2004.

GRAMIGNI, Tommaso. **I manoscritti della letteratura italiana delle origini conservati nella Biblioteca Riccardiana di Firenze**. (Tesi di laurea in Paleografia latina). Firenze, anno accademico 2003-2004.

GRANDGENT, Charles H. **From Latin to Italian**. Cambridge: Harvard University Press, 1933.

HANSBURY, M. (Tr.) **On ascetical life – St. Isaac of Niniveh**. Translated from the Syriac by Mary Hansbury. New York: St Vladimir's Seminary Press, 1989. p. 116.

MAIDEN, Martin. **Storia Linguistica dell'Italiano**. Tradução de Pietro Maturi. Bologna: il Mulino, 1998. Título original: *A Linguistic History of Italian*.

MELO, T. C. A de. «**Livre d'Isaac Abbé de Syrie**» (*cód. lat. 14891 da BNF*):
edição e glossário. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010.
(Tese, Doutorado em Estudos Linguísticos).

MIGLIORINI, Bruno. & BALDELLI, Ignazio. *Breve storia della lingua italiana*. 18. ed. Firenze: Sansoni, 1989.

MILLER, D. (Tr.). **The ascetical homilies of St. Isaac the Syrian**.
Traduzido por Dana Miller. Boston, Mass.: The Holy Transfiguration
Monastery, 1984. p. 568.

PATOTA, Giuseppe. **Lineamenti di grammatica storica dell'italiano**.
Bologna: Società editrice il Mulino, 2002.

ROHLFS, Gerhard. **Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti**: Fonetica. Tradução de Salvatore Persichino. Torino: Giulio Einaudi editore, 1966. Título original: *Historische Grammatik der Italienischen Sprache und ihrer Mundarten*.

VILAÇA, C. E. L. **Edição e estudo linguístico das traduções em línguas românicas do tratado ascético medieval *Livro de Isaac***: subsídios para o estudo da tradição italiana. 2004. 142 f. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Da história da língua para a história do texto:
Reconstrução da tradição do *Libro dell'Abate Isaac di Siria*
Cynthia Elias de Leles Vilaça

VILAÇA, C. E. L. **Libro dell'Abate Isaac di Siria** (cód. *ricc. 1489* da BRF): edição e confronto com a edição princeps de 1500. 2008. 418 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VILAÇA, C. E. L. **Libro dell'Abate Isaac di Siria**: edição crítica e glossário. 2012. 2v. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.